



ENTREVISTA  
COM

PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> FABIANA BUITOR CARELLI



Por Tatiana PICCARDI<sup>1</sup>

Fabiana Buitor Carelli é Visiting Scholar/Researcher na Princeton University (USA) e Professora Associada (Livre-Docente) em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo. Seus principais interesses estão relacionados a

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo – FFLCH. Membro do GENAM-USP – Grupo de Estudos e Pesquisa em Literatura, Narrativa e Medicina da Universidade de São Paulo. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – SP. Endereço eletrônico: <tatiana.piccardi@ifsp.edu.br>.



alguns estudos transdisciplinares envolvendo literatura e política, literatura e cinema (especialmente luso-africano e brasileiro) e, mais recentemente, literatura, artes e saúde. Possui mestrado (1997) e doutorado (2003) em Teoria Literária e Literatura Comparada, ambos pela Universidade de São Paulo. Cofundadora e coordenadora do GENAM-USP (Grupo de Estudos e Pesquisa em Literatura, Narrativa e Medicina da Universidade de São Paulo), é autora de *Pode o subalterno pensar? Literatura, narrativa e saúde em português* (Editora CRV, 2020), autora e coeditora de *Pandemos: diário da peste* (Editora Rua do Sabão, 2022), *Na saúde e na doença: fronteiras entre Humanidades e Ciência* (Editora CRV, 2020) e *Texto e tela: ensaios sobre literatura e cinema* (FFLCH-USP, 2014), como também de diversos artigos e capítulos em periódicos e livros nacionais e internacionais. Fabiana também é produtora, editora e apresentadora do *Book Club GENAM* (disponível no YouTube) e do *Ciência Poética, podcast sobre Literatura, Arte e Saúde*, disponível em várias plataformas.

*Metalinguagens (Profª Dª Tatiana Piccardi):*

Querida Fabiana, inicialmente quero deixar aqui registrada a minha enorme alegria por poder entrevistá-la para este número especial da *Revista Metalinguagens*, em que o tema interdisciplinar “literatura, narrativa e medicina” está em destaque. Um número especial sobre a produção do GENAM, que você cofundou e coordena há mais de dez anos, só faz confirmar o crescente interesse pelo tema. E eu, como membro do GENAM praticamente desde sua fundação, fico imensamente feliz ao ver os resultados que o grupo tem alcançado. E não me refiro apenas ao impacto quantitativo do trabalho do grupo no campo das ciências humanas, dentro e fora do Brasil, mas também, e de forma especial, ao impacto qualitativo de uma produção inovadora, que abraça humanidades e ciências médicas. Mas vamos à primeira pergunta! Fale-nos um pouco sobre como o grupo começou. De modo geral, as pessoas desconhecem quanta história está por trás da criação institucional de um grupo de pesquisa,



não é mesmo? E a história do GENAM envolve partes muito importantes da história pessoal da Fabiana Carelli. Pode nos contar um pouco dessa história?

*(Prof<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Fabiana Buitor Carelli):*

Olá, Tatiana, o prazer de estar aqui é todo meu, e obrigada! Tenho de dizer que concordo com sua avaliação a respeito do impacto do trabalho do nosso GENAM, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Literatura, Narrativa e Medicina da Universidade de São Paulo, não apenas no Brasil, mas também internacionalmente. Temos realmente trabalhado firme, desde o início, para constituirmos um pensamento próprio, original mesmo, a respeito das relações entre Literatura, Arte e Saúde. E acho que temos conseguido.

Sempre que conto a história do GENAM, começo com a seguinte frase: que o GENAM nasceu num quarto de hospital. A partir da minha experiência, de uma experiência minha, pelo menos, mais prolongada num hospital. Era o ano de 2010, eu retornava de um estágio de três meses na University of Minnesota, Estados Unidos, onde eu tinha vindo estudar cinema dos países africanos de língua portuguesa e as relações entre literatura e cinema. Minha mãe, que já reclamava por telefone de um cansaço além do normal, que nem queria me preparar um almoço de boas-vindas no retorno (o que me ofendeu profundamente, diga-se, naquele momento), foi internada de emergência, uma semana depois da minha volta. Diagnóstico: tumor metastático de pâncreas. Ela deu entrada no hospital dia 6 de novembro de 2010. No dia 12, fez uma duodenopancreatectomia radical. Tirou um pedaço do pâncreas, do estômago, do duodeno, a vesícula. Teve que reconstruir todos os dutos para a passagem dos alimentos. Ficou no hospital por mais de um mês. Essa “viagem pelo país dos doentes”, como diz Susan Sontag em *A doença como metáfora*, foi a origem do GENAM. No hospital, conheci o Dr. Carlos Pompilio, clínico geral que coordenou toda a equipe que cuidou de minha mãe e foi seu médico a partir daí até a sua morte, em 2013. Kadu, como todos o conhecem, me viu,



durante minhas longas estadas no hospital, com um livro nas mãos, *Narrativa literária e narrativa fílmica*, de minha grande amiga portuguesa, Maria do Rosario Lupi Bello. E quis saber o que era “aquilo” de “narrativa” (risos).

*Metalinguagens (Profª Dª Tatiana Piccardi):*

Como foi a oficialização do grupo dentro da USP, especificamente dentro da área em que você atua? A proposta foi compreendida? Que apoios recebeu?

*(Profª Dª Fabiana Buitor Carelli):*

Uma das peculiaridades do GENAM, dentro da área de conhecimento em que o grupo se insere, ou seja, as relações interdisciplinares entre Literatura, Arte e Saúde, é que ele é um grupo de pesquisa cujo olhar se amplia a partir da literatura e das artes. Digo isso porque, apesar de ser um grupo transdisciplinar a respeito das relações e discursos da saúde, sua “casa” institucional é a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e, mais especificamente, o Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Isso explica muita coisa. Principalmente porque, quando estudamos um pouco sobre a história disciplinar das relações entre literatura e saúde, ou da medicina narrativa, ou das humanidades médicas, percebemos que, na enorme maioria dos casos, essas áreas de pesquisa nasceram nos contextos de saúde (escolas de medicina, principalmente), diante de uma suposta, ou sentida pelos profissionais desses contextos, necessidade de uma “re-humanização” da medicina. Com o GENAM não foi assim (muito embora tenhamos um coordenador médico, o Dr. Carlos Pompilio, e vários profissionais da saúde como nossos membros). E isso nos confere uma especificidade, não única (há outros grupos importantes que também nasceram da perspectiva da Literatura e das Humanidades, como o projeto SHARE em Portugal, ou o GPOPS – Grupo de Pesquisa Outras Palavras em

Saúde, da Bahia), mas outra, em relação, principalmente, ao pensamento de origem anglo-saxônica sobre o assunto.

E quanto à compreensão da proposta, Tatiana, bem... isso foi em 2011, há mais de dez anos, portanto. Quando começamos, era crítica por todos os lados. Nas Letras, me diziam que o que eu estava fazendo “não era literatura”. Na medicina, ouvíamos que “não era medicina”. Até hoje, acho, e agora nosso trabalho já está muito bem consolidado, em minha opinião, há certa incompreensão por certos meios e pessoas. Não posso avaliar do lado da medicina, mas, do lado das Letras, o que posso dizer é que talvez haja um entendimento um pouco raso do que “seja literatura”. Porque literatura não são apenas os textos literários propriamente ditos, o que conferiria ao campo uma característica meramente conteudística, temática, por assim dizer. Também é literatura pensar literariamente o mundo. Há aqui uma dimensão metodológica, da forma literária mesmo, do discurso. E também dimensões epistemológicas e éticas, da literatura como forma de conhecimento e como forma de ação sobre a realidade, que eu exploro um pouco no artigo de minha autoria que será publicado neste número da *Metalinguagens*. Se a literatura fosse apenas os textos literários propriamente ditos, talvez nem Antonio Candido, nosso grande crítico brasileiro, pudesse ser considerado um “autor de literatura”, uma vez que sua grande preocupação sempre foi constituir uma perspectiva inovadora do ponto de vista teórico-metodológico. E a literatura brasileira, quiçá a do mundo (sem proselitismo), não seria a mesma sem Antonio Candido.

*Metalinguagens (Profª Dª Tatiana Piccardi):*

Como se iniciou a busca por referências teóricas que lançassem os fundamentos para as pesquisas? Que autores pareceram ser os mais interessantes e por quê? No âmbito institucional, que parcerias foram estabelecidas e por quê?



(Prof<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Fabiana Buitor Carelli):

No início do GENAM (que você acompanhou muito bem, porque participou de uma das primeiras reuniões do grupo, em 2012), nós queríamos entender o que era a chamada “medicina narrativa”. Isso porque naquele momento parecia muito estranho a mim, que sempre havia estudado narrativa, inclusive nas suas inter-relações com outras áreas, como a história, a memória política, a antropologia, a linguagem, o cinema, nunca ter ouvido falar sobre as relações entre narrativa e... saúde. E aí veio Kadu com a resposta: “mas tem!!” E me enviou os primeiros artigos sobre medicina narrativa publicados por Brian Hurwitz e Trisha Greenhalgh, na *British Medical Journal*, no final dos anos 1990, intitulados “Why study narrative?”, e também alguma coisa de Rita Charon que não vou recordar muito bem agora, se o livro dela mesmo, o *Narrative medicine*, de 2006, ou outra coisa. E aí surgiu nosso primeiro artigo juntos, “O silêncio dos inocentes”, sobre a necessidade de se olhar a medicina e a saúde sob uma perspectiva narrativa. Começamos assim.

Começamos, mas não continuamos muito não (risos...). Cedo começamos a perceber que a medicina narrativa propriamente dita apresentava certos impasses epistemológicos, certas “aporias”, para usar uma palavra cara a Paul Ricoeur, que não conseguíamos equacionar nas nossas discussões. Tem uma história engraçada, que eu conto (e mostro) um pouco na conclusão do meu livro *Pode o subalterno pensar? Literatura, narrativa e saúde em português*, que é a seguinte: num dos encontros de estudo do GENAM no prédio de Letras, lá na FFLCH, logo no início do grupo, Kadu, que gosta de diagramas, começou a desenhar na lousa dois círculos com uma intersecção no meio. “De um lado está a Medicina; de outro, a Literatura. Na intersecção, está a Medicina Narrativa. Estamos aqui no meio, então”, ele disse. E eu disse: “Hm. Acho que não”. “Como assim ‘não’?”, ele disse. E eu: “Nós não fazemos medicina



narrativa”. E ele, assustadíssimo: “Não??? Então nós fazemos o quê????” “Eu ainda não sei”, respondi. “Só sei que não fazemos medicina narrativa”. (risos)

Acho que nosso trabalho, ao longo desses anos, tem sido, no limite, responder a essa pergunta. E creio que já temos ótimas respostas!

*Metalinguagens (Profª Dª Tatiana Piccardi):*

Então acho que você considera o GENAM inovador no que diz respeito à proposta de pesquisa e às bases teóricas, não é?

*(Profª Dª Fabiana Buitor Carelli):*

Definitivamente sim, por algumas razões que já vão aí acima, mas que posso tentar sintetizar aqui (e desenvolvo melhor em meu livro *Pode o subalterno pensar?*):

- Uma perspectiva, mais do que teórico-metodológica, epistemológica e ética que parte da literatura e das artes para compreender as relações de saúde;
- Uma perspectiva, como defendo em meu livro, que se configura *em português*. Parece bobagem dizer isso, mas não é não. Toda a medicina narrativa, as humanidades médicas também, partem de uma perspectiva anglo-saxônica de mundo e da saúde. Pensar *em português* significa dizer, não apenas que falamos essa língua, obviamente; nem que publicamos nela (dentro de um universo acadêmico amplamente anglófono e que, diga-se de passagem, nem nos compreende muito bem). Mas que existe um pensamento a respeito da literatura, das artes e do mundo, um modo de ver e conhecer, que nos é próprio, que é próprio da nossa cultura e foi desenvolvido aqui. Fica difícil explicar assim rapidamente, mas tem a ver com uma *descolonização do olhar* a partir do desenvolvimento de um pensar o mundo de um jeito específico e que não é de mais ninguém (está tudo lá na conclusão do meu livro);



- Uma perspectiva, como em *Severino berinjala*, um dos livros que estou escrevendo agora, que não se desenvolve a partir da ideia da desumanização da medicina, como foi o caso da medicina narrativa e também do campo das humanidades médicas;
- Uma perspectiva a partir da arte e do cuidado (e aqui, muito devemos ao “apadrinhamento”, por assim dizer, de um grande professor de medicina, Dr. José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres, cujo pensamento enraizado na fenomenologia de Heidegger, Gadamer e Habermas é fundamental para a constituição teórico-metodológica do GENAM);
- Por fim, uma perspectiva que pensa a linguagem não somente como forma de compreensão do mundo, de conhecimento – mas também de *ação* concreta e incisiva sobre ele.

*Metalinguagens (Profª Dª Tatiana Piccardi):*

Podemos pensar que o GENAM colabora para uma espécie de mudança de paradigma no modo de produzir ciência? Será que podemos pensar em uma “ciência narrativa”?

*(Profª Dª Fabiana Buitor Carelli):*

Olhe, Tatiana, pensar narrativamente o mundo parece uma novidade deste século XXI, mas não é não. Nesse sentido, o GENAM não seria, digamos assim com muita ironia, “a revolução copernicana na interdisciplinaridade entre arte e saúde”. Nem a medicina narrativa o é, ou foi. Na verdade, essa mudança epistemológica já vem acontecendo há muito tempo. Se pensarmos, por exemplo, no conceito de ser-aí de Heidegger – que está lá em *Ser e tempo*, livro que ele publicou em 1927 –, de que o ser só se constitui no mundo, e só se faz fazendo, por assim dizer – essa ontologia já é completamente narrativa.





Além disso, aconteceu, nos anos 1980, a chamada “virada narrativa” nas ciências humanas, que teve consequências nas ciências empíricas, é claro, nada caminha assim de um modo tão separado e estanque. A própria medicina narrativa do final dos anos 1990 é uma consequência dessa “mudança de episteme”, como diria Foucault. E o filósofo Paul Ricoeur seria, na minha opinião, um dos maiores pensadores dessa visão existencial da narrativa, especialmente em *Tempo e narrativa*, sua obra monumental, originalmente publicada em 1983, e em *O si mesmo como outro*, que é de 1990.

Quanto a uma “ciência narrativa” – bem... Há uma questão aqui, sabe? As ciências empíricas, nas quais a ciência biomédica se inclui, obviamente, têm uma questão da sua constituição discursiva e epistemológica que as afasta da narrativa, a meu ver. Veja se não é assim: quando um paciente vai a uma consulta médica, ele está lá, contando sua história particular. Mas o médico, na maior parte das vezes, não está interessado no *caso particular* daquele doente. O que ele busca, na maioria das vezes, são os *aspectos gerais* daquilo que o paciente lhe apresenta; aquilo que pode ser *comum*, não apenas àquele paciente, mas a todos os pacientes com os mesmos sintomas e queixas. O que quero dizer com isso é que a epistemologia científica predominante no mundo ocidental busca generalizações e padrões, não particularidades (e a narrativa da experiência é, por natureza, o território do particular...). Além disso, e muito importante dizer isto, a ciência busca generalizações e padrões *para fora do tempo*, ou seja, tendências que se mantenham num sempiterno presente, até que sejam, enfim, substituídas por outros dados, outras pesquisas, outros “presentes”. Ora – como sabemos, o tempo é um dos elementos principais, senão a principal, da narrativa. O discurso da ciência, Tatiana, é uma busca incessante de presentes sucessivos. A narrativa é o tempo em movimento, enraizado na experiência. Há um impasse epistemológico aqui.

*Metalinguagens (Profª Dª Tatiana Piccardi):*

Sim, com certeza há... E falando em movimento, atualmente você está realizando um pós-doutorado na Universidade de Princeton. E certamente essa experiência repercutirá como mais um passo bastante significativo para o GENAM. Pode nos contar o que está por vir? Que novos desdobramentos estão no “forno”? Como você vê o GENAM nos próximos anos?

*(Profª Dª Fabiana Buitor Carelli):*

Ah, tem muita coisa por vir!... (risos) Eu já “dou uma peninha” no artigo-projeto-promessa que estou publicando aqui, neste número da *Metalinguagens*, então convido os leitores a conhecerem, por meio dele, os *Pequenos Hermeneutas* que estão nascendo agora. Mas posso talvez falar um pouco sobre Princeton e a importância que este espaço ocupa nesse processo, neste momento. Em primeiro lugar, afora ser uma das principais universidades do mundo, Princeton é nos Estados Unidos. Um sopro de pensamento inovador, democrático, progressista nos Estados Unidos – e isso também em nossa área de produção de conhecimento, no escopo da língua portuguesa, e do português brasileiro, da cultura brasileira em geral. O Departamento de Espanhol e Português de Princeton, ao qual estou vinculada, sob a direção do Prof. Pedro Meira Monteiro, meu supervisor de pesquisa, fala português como língua de cultura! E, como já disse mais acima, isso é fundamental para mim e também para a constituição do pensamento do GENAM.

Princeton também tem, em seu desenho acadêmico, um dos principais centros de estudos brasileiros e portugueses dos Estados Unidos e do mundo, o Brazil LAB (Luso-Afro-Brazilian Studies). Para o LAB, centro interdisciplinar que congrega pesquisas em áreas diversas como economia, antropologia, literatura, artes, história, política, etc., o pensamento – diferenciado, original – a respeito das relações da saúde com a sociedade é também importante. Acredito que tanto eu, particularmente, quanto o GENAM, enquanto grupo de



pesquisa, temos bastante a colaborar tanto com o LAB como com o SPO, o Depto. de Espanhol e Português de Princeton, na consolidação de uma visão diferenciada sobre a medicina narrativa e as humanidades médicas nos Estados Unidos, a partir mesmo da língua e das culturas em português, como eu disse anteriormente.

Sobre os “meus” *Pequenos Hermeneutas*, bem... temos aí alguns personagens, imagens e livros nascendo, tentativas de agir narrativamente sobre o mundo, dentro da perspectiva de que uma história pode mudar o curso da História. Algo assim. (risos) A ideia da pesquisa aqui é mostrar, empiricamente, o que seriam ações narrativas sobre o mundo a partir de textos e imagens. Severino, Othello, Fred, o Fenomenal Corona, a Raposinha e a Lua são seres de ficção que buscarão contar verdades pungentes a respeito da existência, da saúde, da arte e da finitude, a partir de suas narrativas particulares. Em outubro de 2022, estão previstos uma exposição e alguns eventos associados à criação dessas histórias aqui em Princeton. É bonito ver tudo isso nascer, e me sinto honrada por ser, de algum modo, o veículo configurante desses atos de linguagem.

E quanto ao futuro, bem... A gente “solta” os filhos no mundo, de verdade e de papel, e aí espera...

*Metalinguagens (Profª Dª Tatiana Piccardi):*

Fabiana, obrigada, de coração, pela entrevista e, fundamentalmente, por ter “parido” o GENAM e todas as possibilidades de aprendizado que ele tem gerado pra tanta gente, inclusive pra mim.

---

Envio: Julho de 2022.

Aceite: Julho de 2022.